

Entre o muro e a encruzilhada, as Brilhetes de Anchieta (des)organizam



Sabrina Dias Veloso
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil
sabinaveloso@id.uff.br

Fecha de recepción / Zusendungsdatum / Date de réception / Reception date / Data di ricezione / Data de recepção: 29/05/2020

Fecha de aceptación / Annahmedatum / Date d'acceptation / Date of acceptance / Data di accettazione / Data de aceitação: 25/06/20

Entre o muro e a encruzilhada, as Brilhetes de Anchieta (Des)organizam

Resumo

O presente artigo visa apresentar as diferentes formas de táticas cotidianas e socialidade de um grupo de mulheres bate-bolas. A partir da vivência com a turma feminina de bate-bola Brilhetes de Anchieta, fazer um paralelo com conceitos estabelecidos e a experiência de estar junto com elas em um dia de pintura do muro, uma das inúmeras confraternizações presentes na manifestação cultural tão importante para o carnaval do subúrbio e da cidade do Rio de Janeiro. Dentro de um recorte territorial, será abordado questões relacionadas a cultura da encruzilhada e como ela se relaciona com as ações promovidas pelas agentes culturais desta pesquisa.

Palavras-chave: bate-bolas, brilhetes, território, encruzilhada

Entre el muro y la encrucijada, los Brilhetes de Anchieta (des)organizan

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar las diferentes formas de táctica cotidiana y sociabilidad de un grupo de mujeres bate-bolas. A partir de la vivencia con el grupo femenino de "bate-bola Brilhetes de Anchieta", trazar un paralelo con los conceptos establecidos y la experiencia de estar junto a ellas en una jornada de pintura de murales, una de las innumerables confraternizaciones presentes en la manifestación cultural tan importante para el carnaval de los suburbios y de la ciudad de Rio de Janeiro. Dentro de un corte territorial, se abordarán temas relacionados con la cultura de la encrucijada y cómo se relaciona con las acciones promovidas por los agentes culturales de esta investigación.

Palabras clave: bate-bolas, brilhetes, territorio, encrucijada

Zwischen der Mauer und der Kreuzung, die Brilhete de Anchieta (des)organisieren

Abstract

Diese Studie hat zum Ziel, die verschiedenen Formen alltäglicher Taktik und Sozialisierung von einer Gruppe von Bate-Bola-Frauen darzustellen. Ausgehend von unserem Erlebnis mit der Frauengruppe "Bate-Bola Brilhete de Anchieta" wird ein Vergleich mit den etablierten Begriffen und der Erfahrung, an einem Tag bei der Wandbemalung bei ihnen zu sein - eine der unzähligen Freundschaftsformen in diesem kulturellen Ausdruck - angestellt, der so bedeutsam für den Karneval in den Vororten und in der Stadt Rio de Janeiro ist. Im Rahmen einer Feldforschung werden Aspekten in Verbindung mit der Kultur der Kreuzung und die Frage, wie dies mit den von den kulturellen Akteuren dieser Studie geförderten Handlungen in Zusammenhang gebracht wird, behandelt.

Stichwörter: *bate-bolas, Brilhete, Gebiet, Kreuzung.*

Between the wall and the crossroads: The Brilhete de Anchieta (dis)organise

Abstract

The aim of this article is to present the different forms of daily tactics and sociability of a group of ball-batting (bate-bolas) women. Considering the experience lived with the female group "bate-bola Brilhete de Anchieta", we expect to draw a parallel line with the established concepts and the experience of spending a mural painting day with them, which was one of the many fraternizations present in this cultural manifestation so important for the carnival in the suburbs and the city of Rio de Janeiro. Issues related to the culture of crossroads and how it relates to the actions promoted by the cultural agents of this research will be addressed within the limits of a particular territory.

Key words: *bate-bolas, brilhaes, territory, crossroads*

Entre le mur et le carrefour, los Brilhete de Anchieta (dés) organisent

Résumé

Cet article a pour but de présenter les différentes formes de tactique quotidienne et sociabilité d'un groupe de femmes bate-bolas (batte-boules). A partir de l'expérience avec le groupe féminin de "bate-bola Brilhete de Anchieta", tracer un parallèle avec les concepts établis et l'expérience d'être à leur côté dans une journée de peinture murale, l'une des innombrables fraternisations présentes dans la manifestation culturelle si importante pour le carnaval des banlieues et de la ville de Rio de Janeiro. Au sein d'une coupe territoriale, des questions liées à la culture du carrefour et à la façon dont elle est liée aux actions promues par les acteurs culturels de cette enquête seront abordées.

Mots clés : *bate-bolas, brilhaes, territoire, croisée des chemins.*

Tra il muro e la confluenza, los Brilhete di Anchieta (dis)organizzazione

Riassunto

Quest'articolo ha come obiettivo quello di presentare le diverse forme di tattiche quotidiane e di sociabilità di un gruppo di donne bate-bolas. A partire dall'esperienza con il gruppo femminile di "bate-bola Brilhete di Anchieta", facendo un parallelo con i concetti stabiliti e l'esperienza di stare insieme a loro in una giornata di pittura murale, una delle innumerevoli confraternite presenti nella manifestazione culturale tanto importante per il carnevale dei suburbi e della città di Rio de Janeiro. Dentro a una corte territoriale, si affronteranno questioni legate alla cultura della confluenza e come si collega alle azioni promosse dagli agenti culturali di questa ricerca.

Parole chiave: *bate-bolas, brilhaes, territorio, confluenza.*

Introdução

*Vou mostrando como sou e vou sendo como posso,
Jogando meu corpo no mundo
(Sample de Baco Exu do Blues – Esú)*

Festa, encontro, carnaval, cultura de encruzilhada do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, são diversos sentidos e caminhos que se abrem quando falamos sobre as turmas femininas de bate-bola da cidade. O ritual dos bate-bolas reserva uma multiplicidade de simbolismo, imagens, sociabilidades e performances, que têm seu ápice nos dias de carnaval. Representam uma manifestação à parte no carnaval hegemônico carioca; possuem uma relação direta com seu território e transformam o carnaval desses locais, em sua maioria, bairros localizados no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, quebram regras cotidianas através da brincadeira, invertendo a ordem instituída¹.

Os caminhos metodológicos que escolhi utilizam uma diversidade de autores, em especial os que tratam de experiências plurais e essa pesquisa espiralar envolveu trabalho de campo que contou com observação participante. Haddock-Lobo (2020:22) chama a atenção para o fato de que a pesquisa sobre cultura popular brasileira só pode acontecer caso o pesquisador saia as ruas, “aberto aos encontros que as encruzilhadas propiciam”. Nesse sentido, o presente artigo pretende localizar as bate-bolas dentro da cultura de encruzilhadas, a partir da reflexão de Martins (2002) e Rufino (2016), além do conceito de potência exusíaca de Simas e Rufino (2018), a partir da figura de Exu, divindade mensageira e dinâmica dos cultos de base africana que se estabeleceram no Brasil, seu elemento dinamizador é a transformação, o movimento, sendo ele a comunicação entre os seres humanos e as divindades.

Pretendo analisar o recorte do ritual a partir da vivência de um dia com o grupo Brilhetes de Anchieta, no contexto da pintura do muro da turma e interpretar, a partir das socialidades e performances, a noção que a cultura de encruzilhada pode nos trazer. A partir do convite feito por elas, fui a uma das confraternizações promovidas pela turma de bate-bola. A “tropa” tem sua origem no bairro Parque Anchieta, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, mesmo local que sou cria e, por conta disso, estar junto com as brilhetes também está relacionado à minha infância e adolescência passada no bairro Parque Anchieta, na década de 1990 e início dos anos 2000. De acordo com Pollack (1992:202) a memória também

1 O carnaval entendido aqui como uma celebração “inventada” pelo catolicismo, dentro de uma ordem cíclica de início, meio e fim conforme afirma Ferreira (2004:24). Mantendo, até os dias de hoje, diversos elementos que variam entre a ordem e a desordem, e que, no contexto da cidade do Rio de Janeiro, é fortemente marcado por relações de poder

é constituída de lugares, existem lugares particularmente ligados a uma lembrança pessoal ou em grupo.

Acredito na pesquisa que vai além da observação, aquela em que há uma interação entre os sujeitos, tanto os que movem a manifestação cultural quanto aqueles que a analisam; escrever sobre o outro é também uma maneira de escrever sobre si mesmo. Por conta disso, o presente trabalho será narrado em primeira pessoa e, a partir da experiência etnográfica, será registrada a sensação do encontro com o outro e toda construção que surge nessa experiência, que pode se considerar a primeira oficialmente enquanto pesquisadora de mulheres bate-bolas. Apresentar a arte, especialmente feita por mulheres, é de extrema importância, especialmente no contexto político que estamos vivendo hoje, onde políticas públicas para as mulheres e para a cultura estão sofrendo diferentes repressões ideológicas. Esse trabalho não será novidade e muito menos fundador de uma nova narrativa metodológica, apenas pretende-se mostrar como essas mulheres jogam seus corpos no mundo.

O artigo se insere dentro do campo interdisciplinar da Cultura e da Territorialidade. Este estudo é sobre pessoas, como colocam seus corpos no mundo? Como performam dentro desse ritual? Como subverter e inverter e também ser a ordem? Como é operar na encruzilhada? Todas essas questões serão abordadas ao longo deste texto. Dito isso, os cruzos e atravessamentos, ordem e caos, ampliam o conhecimento e contribuem para o debate acerca das mulheres bate-bolas e ajudam a trabalhar em conjunto dos e das agentes que realizam essa transgressora manifestação cultural.

As brilhaes: ritual, encruzilhada e território

Os bate-bolas são considerados turmas de mascarados que brincam nas ruas do carnaval do Rio de Janeiro e existe uma certa dificuldade em localizar a origem dessa manifestação cultural, segundo Frade:

Sobre sua origem nada temos ainda de concreto. Sabemos apenas, segundo relato de antigo morador de Santa Cruz (local onde a presença desse personagem é mais numerosa), que teriam se originado dos alemães que para ali vieram em 1930, época da construção de um hangar de zepelim. Esses estrangeiros costumavam se vestir de palhaços no carnaval. Mas palhaços, cujas indumentárias estavam inteiradas com a real profissão de seus usuários: tênis e calças bufantes presas às meias soquetes. “Clovis” seria, então, uma corruptela de “downs”. Fica, porém, aqui apenas essa curiosa narrativa de um fato cuja origem ainda está exigindo pesquisa e estudo (Frade, 1979: 77).

A intenção no presente trabalho não é fazer um histórico sobre a origem dessa manifestação cultural, porém é importante entender que há diversos elementos que a constituem, isso inclui seus antecedentes e a partir daí temos uma série de cruzamentos de diferentes elementos culturais que nos leva até os dias atuais. Sobre isso, dialogo com Martins (2002) quando, observando a dinâmica dos processos de transito sógnico, suas interações e interseções, utiliza-se do termo encruzilhada como uma ideia teórica, um projeto político, educativo e epistemológico conforme afirma Rufino (2016), sendo a encruzilhada vista como um conceito:

A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do transito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim. (Martins, 2002:73)

A encruzilhada está presente em toda história das turmas femininas de bate-bola, sendo elas um cruzamento das já existentes turmas masculinas, com diversos elementos do carnaval, além daqueles que são criados por elas, dentro da esfera do ritual. A prática ritual pensada aqui a partir do conceito de liminaridade, que segundo Turner (1974: 117) é uma situação momentânea na qual os indivíduos estão desprovidos de suas posições sociais permanentes e, dentro do contexto das bate-bolas, inclui da organização à saída das turmas.

Cria do bairro Parque Anchieta, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, a turma de bate-bola feminino Brilhetes de Anchieta, surge em 2013 a partir do bate-bola masculino “Turma do Brilho” que surgiu no mesmo bairro em 1991. Em contrapartida a essa protagonismo, a partir da necessidade de uma das integrantes, Vanessa Amorim, hoje cabeça² da turma, de ter um grupo composto apenas por mulheres, passou a disputar a atenção do carnaval em Anchieta com os grupos de bate-bolas formado por homens. Segundo Carneiro (1995:119) “Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos” e, nesse sentido, as mulheres bate-bolas, muitas vezes sem a intenção, podem enxergar a atividade que exercem a partir de seu local de pertencimento, com as devidas especificidades. Uma das características dessas chamadas turmas na atualidade: estão em territórios suburbanos e periféricos e como em boa parte das turmas de bate-bolas, as brilhetes carregam no título o nome do bairro que estão inseridas. Para Haesbaert (2008:2) o território é uma construção, vai além da dimensão física, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional” proposto pela lógica capitalista hegemônica. Santos (2011:14) aponta que o território tem que ser entendido como território usado, e não o território em si, ele não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de sistema de coisas superpostas, é o chão mais a identidade e a identidade, o sentimento de pertencer a aquilo que nos pertence, nesse sentido, o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

A relação dessas turmas com o território é de extrema importância, pois tem total ligação com suas práticas, e também com a maneira como ocupam e se identificam. São elementos inseparáveis; a construção de uma identidade não é auto referenciada, ela depende do reconhecimento social, da aceitação:

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (Pollak, 1992: 5).

No caso das brilhetes, a identidade é uma construção constante, de produção coletiva, resultando na afirmação delas diante das outras e também dos outros, isso inclui a parte masculina da turma, uma das principais características da identidade é a reafirmação da diferença, em relação de estreita dependência, como afirma Silva (2000: 74). Muitas vezes essa reafirmação vem através das roupas e apesar de alguns estilos serem fixos e característicos se diferenciam na temática, nas cores e em diversos elementos que os compõem, o que pode ser visto tanto com relação a outras turmas de outras localidades, quanto da turma masculina que a “originou”.

O estilo da turma é o bola e bandeira, segundo Pereira (2008:108) o estilo é conhecido por esse nome por conta de dois elementos característicos: a bexiga e a bandeira de mão, conforme figura abaixo.



Figura 1 - Bate-bola feminino estilo bola e bandeira
Fonte: Arquivo pessoal da turma Brilhetes de Anchieta

2 O termo cabeça se refere a integrante líder da turma, aquela que mobiliza as reuniões, festas, arrecadação do dinheiro para a compra da fantasia, etc. O termo é utilizado tanto em turmas femininas quanto em turmas masculinas

De acordo com a autora o estilo é bastante difundido nos bairros da zona norte, ainda segundo Pereira (2008:108) as turmas desse estilo parecem preferir adotar temas que remetem à cultura de massa, em geral. Para elas, parece que o maior sentido da brincadeira é demonstrar numerosidade de componentes e poder, pela força e pela agilidade.

Vanessa sempre se coloca como uma líder, uma pessoa que está à frente da turma e que exerce uma função de colocar “ordem na casa” para a construção das festas, reuniões e das saídas que acontecem na rua, momento onde este corpo-território se insere nos bairros do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, ocupando territórios que por muitos anos foram palco apenas da turma masculina, mas que há nove anos, vem sendo preenchido pela turma feminina. Gago aponta que:

A conjugação das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e especifica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território (Gago, 2020:79).

Nesse sentido, o uso das ruas por essas mulheres, dentro da dinâmica dos bate-bolas, deu novo significado ao rito, trazendo novos elementos e lideranças, utilizando esse território também como lugar de encontro delas. Aqui busco novamente a encruzilhada de Martins (2002:73) para falar desse entre-lugar, lugar terceiro e simbólico que é criado a partir do cruzamento desses elementos que atravessam tempos remotos, presente e futuro. No caso das brilhaletes, esse corpo está submerso de complexidades culturais e sociais, mas que se joga nesse mundo, de cruzamentos espiralar, ou seja, cruzando diferentes temporalidades, onde “nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta” (Martins, 2002:84), buscando na memória do outrora, elementos que fortalecem o presente, vislumbrando o futuro. Bhabha chama atenção para a ressignificação das narrativas de reconstrução histórica, fazendo com que a tradição seja mantida através da transformação de quem a recebe:

As narrativas de reconstrução histórica podem rejeitar tais mitos de transformação social: a memória comunal pode buscar suas significações a partir de um sentido de causalidade, compartilhado com a psicanálise, que negocia a recorrência da imagem do passado, enquanto mantém aberta a questão do futuro. A importância de tal retroação está na sua habilidade de reinscrever o passado, de reativá-lo, de realocá-lo, de ressignificá-lo. E, o que é ainda mais significativo, ela submete o nosso entendimento do passado, a nossa reinterpretação do futuro, a uma ética da “sobrevivência”, que nos permite trabalhar através do presente. E tal trabalho através, ou trabalho dentro, nos liberta do determinismo da inevitabilidade histórica – a repetição sem a diferença. Ele possibilita que nos confrontemos com essa difícil fronteira, a experiência intersticial, entre o que tomamos como imagem do passado e o que está realmente envolvido na passagem do tempo e na passagem do significado. (Bhabha, 2011 :57)

Só há morte para o esquecimento e percebe-se que a tradição é um campo que possui uma continuidade. Ela é dinâmica, se reinventa e se reatualiza a partir de suas práticas e gerações que vão participando dela. No caso dos bate-bolas, a presença das mulheres, deu, de alguma forma, um novo sentido à brincadeira, transgredindo mas mantendo repetição.

As Brilhaletes, por meio da figura da cabeça da turma, se mobilizam de forma criteriosa e hierárquica para organizar seus desfiles de forma autônoma, na maioria das vezes, sem ajuda do poder público. Cria, assim, diversas possibilidades de invenção cotidiana, bem como a arte do cruzeiro, definida por Rufino (2019:86) como a arte da rasura, das desautorizações, das transgressões necessárias, da resiliência, das possibilidades, das reinvenções e transformações e que possui relação direta com a cultura de encruzilhada e com as táticas cotidianas. Sua performance nas ruas afirma sua identidade, curva o tempo, remodela e adorna corpos, conta histórias (Schechner, 2003:27). Causa desordem no ritual do carnaval, que muitas vezes, a partir do poder público, dentro da sua ordem legitimadora, possui seus ritos de instituição (Bourdieu, 2008:98), ou seja, com suas ações de distinção, o carnaval dita regras e possui um conjunto fechado de coisas que variam de um local para outro.

Em tais circunstâncias, as bate-bolas, ao dominarem um território fora do contexto hegemônico, subvertem essa metodologia, quebrando um padrão preestabelecido, resistindo e negociando, utilizando táticas cotidianas; “chamo por tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro” (Certeau, 1994: 100). Das inúmeras táticas realizadas pelas mulheres que brincam de bate-bola, muitas acontecem fora do período do carnaval, atividades que ajudam na elaboração das saídas e de outras atividades exercidas por elas dentro desse contexto, atividades que

exigem organização e ordem. No entanto, tais atividades são passíveis de rupturas, elas desorganizam a ordem estabelecida para reorganizar, como na letra da música Da Lama ao Caos: “me organizando posso desorganizar” (Science, 1994) e vice-versa.

A pintura do muro das Brilheteiras de Anchieta: O exusíaco e a irmandade

Em um domingo de sol, fui acompanhar a pintura do muro das brilheteiras e da turma do brilho. O início da pintura estava marcado para começar às onze horas, mas não consegui chegar no início da pintura, cheguei no fim da tarde quando o muro já estava pronto e as brilheteiras estavam sociabilizando com muito funk e cerveja. Penso em Maffesoli (1998:109) quando, ao falar da socialidade, diz que as festas populares, em especial o carnaval, possuem capacidade de juntar os indivíduos, com uma multiplicidade de círculos, cuja articulação preenche o viver social. Foi exatamente o que encontrei naquele momento, uma grande socialidade entre sujeitos, muitas vezes de uma mesma família e quando não, é como se fossem.

Fui recebida pela cabeça, Vanessa Amorim, que me apresentou as demais integrantes, dentre elas sua própria mãe e a Mayara, que é a responsável por cuidar do Instagram da turma. De um modo geral, as outras meninas, talvez por não me conhecerem, preferiram confraternizar apenas entre elas. Vanessa acabou ficando pouco tempo conversando comigo, por ser a líder e principal responsável pelas confraternizações, teve que se ocupar com a organização do encontro. Mayara por sua vez ficou o tempo todo ao meu lado, trocando uma ideia sobre o processo e a paixão de sair de bate-bola pelas brilheteiras.

A pintura do muro consiste numa confraternização, que é anual e fora do período do carnaval, e normalmente utilizam um tema que pode ser a temática da saída do próximo ano ou apenas uma prévia. O intuito, para além da festa, é confraternizar com outras turmas e arrecadar fundos para as próximas etapas do ritual.



Figura 2 - Muro das Brilheteiras, 2021

Fonte: Arquivo pessoal da turma Brilheteiras de Anchieta

O que mais me chamou atenção, para além da organização da festividade, foi o local onde foi realizada a pintura. Situa-se no cruzamento de três ruas (Rua Lucio José Filho, “a principal”, Rua Francisco Macedo e Rua Amaro da Silvera), que já tinha conhecimento, por também ser cria do bairro, que são visivelmente uma encruzilhada, nesse sentido, como um local físico, como podemos observar na figura 3:



Figura 3 - A encruzilhada onde está o muro do Brilho e das Brilhetes

Fonte: Google Maps

As bate-bolas me asseguraram que não foi proposital, que o local já é fixo e que, inclusive, o muro da casa pertence a uma pessoa evangélica e há uma certa negociação do tipo de personagem que pode ser pintado, nada que tenha alusão aos personagens de caveira, diabo, etc. é permitido. Essa negociação pode ser encarada como uma prática de resistência, ou como observa Bhabha (1998:240) “produzidas no ato da sobrevivência”.

Quem vive à margem está sempre em negociação, preenchendo o “vazio” com presença, numa potência exusíaca que nos leva a uma ambivalência própria deste orixá. Exu é considerado o mais humano dos orixás, o princípio de tudo, a transformação e o agente transgressor que cumpre a tarefa de fiscalizar a ordem (Simas e Rufino, 2018:118). Entender a dinâmica das bate-bolas como cultura na encruzilhada nos mostra como as contradições são importantes dentro do contexto desta manifestação cultural. A maneira como criam possibilidades e acham soluções para tensões culturais apresenta um outro caminho para ocupar a rua, gingando nas frestas, entendendo a cidade como lugar de encontro (Simas, 2020:75), jogando esse corpo no mundo, naquele território afastado do centro da cidade, muitas vezes, transformando a experiência de viver ali:

Os espaços menos espetaculares da cidade resistem, assim, nesses corpos moldados pela sua experiência, ou seja, resistem nas corpografias resultantes de sua experimentação, uma vez que esses corpos denunciavam, por sua simples presença e existência, a domesticação dos espaços mais espetacularizados, sua transformação cenográfica (Jacques e Britto, 2008:83).

A pintura do muro me fez perceber como esses corpos dão vida ao território, me fizeram olhar de outra maneira para aquelas ruas que conheço bem. Morei por 27 anos no Parque Anchieta, minha família ainda reside no bairro, então o olhar para esse território vai muito além do olhar de pesquisadora, existe uma ligação territorial. Concordo com Fabian quando ele alerta que “toda experiência pessoal é produzida sob condições históricas, em contextos históricos; ela deve ser utilizada com consciência crítica e constante atenção às suas reivindicações dominantes” (Fabian, 2013:117).

Enquanto ia fazendo essas percepções internamente, e pensando em não esquecer para anotar isso quando chegasse em casa, Mayara ia falando sobre a admiração que ela e as outras meninas têm para com a Vanessa, de como ela é uma líder que se coloca e organiza toda a estrutura da turma e também a vida pessoal dela, que tem ligação direta com as Brilhetes, visto que ela é casada com o cabeça da turma do Brilho, que é filho do fundador da turma. Essa é outra característica marcante, boa parte das meninas possuem algum tipo de relação afetiva com os rapazes da turma masculina, isso se reflete na turma mirim, ou seja, existem relações familiares entre as turmas, que deve ser ainda objeto de análises mais aprofundadas, mas o pouco que pude perceber é que elas conseguem manter uma diferença e uma interdependência deles. Mas ainda assim podem ocorrer relações assimétricas de poder devido a uma estrutura patriarcal que estamos inseridas. As relações de gênero e poder são construídas reciprocamente, o poder exerce sobre o gênero na forma de domínio político, através de ordenamentos jurídicos, ou seja, as relações entre homens e mulheres não são categorias fixas, elas são fruto das relações sociais e de poder que constroem hierarquias e dominações, conforme afirma Scott (1995:92). Ainda segundo a autora pôr em questão ou alterar qualquer um dos aspectos dessa dupla relação ameaça todo um sistema. Nesse sentido, quando as mulheres se unem para a brincadeira e se enaltecem entre si, automaticamente estão quebrando uma relação de poder e criando uma irmandade, uma solidariedade política

entre elas criando resistência. No caso das brilhetes, essa irmandade se reflete em toda mobilização e nesse caso específico, no dia da pintura do muro, apenas uma das inúmeras socialidades criadas por elas e que fazem parte de todo ritual das bate-bolas. Hooks (2019:82) afirma que mulheres diariamente exploradas e oprimidas não podem deixar de acreditar em sua capacidade de exercer algum controle, mesmo que relativo, sobre suas vidas, e que elas se unem com base no somatório de suas forças e recursos, é esse tipo de união que caracteriza a irmandade. Foi exatamente isso que vi, naquele domingo, uma grande conexão entre as mulheres em favor de um único objetivo e que, aparentemente, foi conquistado por todas elas.

Já estava anoitecendo e decidi ir embora, conversei com as meninas e elas decidiram que nas próximas festas e confraternizações, eu deveria estar junto, o que me fez refletir bastante. Favret-Saada (2005:159) nos mostra que a experiência de campo não verbal é uma troca, é a forma como o pesquisador vê o mundo que está estudando e como nos observam também; então pensei nessa troca de experiências que estávamos começando a construir ali de forma mais direta, visto que já havíamos trocado muitas ideias remotamente. Nesse sentido, observo como esse senso de comunidade, entendido aqui como pertencimento, que a galera possui, e que ficou explícito no dia da pintura do muro, dialoga com a sobrevivência, dentro desse tempo espiralar. Entre as táticas de negociação e de resistência, elas asseguram a sobrevivência ao se organizarem em comunidade, criando afetos e conforme afirma Hooks (2019:80) “A solidariedade fortalece a luta de resistência”.

Conclusão

Ver um movimento exusíaco como esse, promovido por duas turmas de bate-bolas, dentre elas uma composta por mulheres no Parque Anchieta, bairro estritamente residencial, com escassa oferta de transporte, que possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,8333, o 66º melhor do município do Rio de Janeiro, e que é muitas vezes esquecido pelo poder público, lembrado pela grande mídia apenas por questões de violência, mostra como sujeitos heterogêneos ressignificam os territórios a partir de suas práticas, mostrando a cultura como modo de vida e como aspecto criativo da sociedade (Williams, 2011:53). O bairro também é sua referência cultural e faz parte de todo processo de identidade que envolve a manifestação de cultura. Sobre isso, Laraia afirma que “identidade e territorialidade são pois dois requisitos fundamentais para a definição da referência cultural” (Laraia, 2004: 17). A brincadeira está entrelaçada na vida cotidiana desses agentes sociais, não se limita apenas ao período do carnaval. Vai além: desde a concepção do tema até as diversas maneiras de arrecadação de dinheiro para montarem as fantasias. São nos bairros de origem que normalmente desenvolvem esse processo e são nesses locais que se dá uma relação de identidade com os moradores. Candlini (2015: 288) afirma que “os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais”. Isso muitas vezes acontece devido à escassez de direitos oferecidos na cidade, conforme observa Harvey:

O direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados (Harvey, 2012:4).

Por outro lado, essa escassez de direitos faz com que essa tradição local tenha autonomia dentro do seu território de origem, dando abertura para que desenvolvam as táticas dentro dessa manifestação cultural. Esse espaço de subversão do cotidiano (Simas, 2020:106), onde essa potência exusíaca se manifesta, cria essa encruzilhada de possibilidades, de diferentes sentidos que nos ajudam a compreender o cotidiano e a sobrevivência de diferentes formas. Inclusive realizando recorte de gênero, pois é nessa acumulação de desobediências que as mulheres tentam criar suas formas de resistência, sempre gingando, “a terceira cabaça é a do inesperado: nela mora a cultura” (Simas, 2020:106).

Enquanto pesquisadora, vinha acompanhando as atividades das brilhetes remotamente, até o dia da pintura, que dentro do contexto pandêmico, causou um misto de inseguranças, mas que foi quebrado exatamente no momento em que cheguei no local e fui acolhida por aquela comunidade. Enquanto ia conversando com as meninas, fui percebendo não só toda a estrutura que envolve o ritual entendido aqui como um processo cultural, porque “toda teoria do ritual é uma teoria da cultura” (Cavalcanti, 2009: 7), das bate-bolas, mas também, todo o sentimento que envolve o que é ser e performar o bate-bola. A vida dessas agentes culturais está totalmente ligada aos seus cotidianos, vai muito além do carnaval, é reinvenção diária, é celebração de afetos, mas é negociação, porque a vida não é binária, então subverter padrões pré-estabelecidos é também negociar a desordem através da ordem, próprio de Exu.

Referências bibliográficas

- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG
- Bhabha, H. (2011). *O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha*. Eduardo F. Coutinho (org.); introdução: Rita T. Shimidt; tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco
- Bourdieu, P. (2008). *A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer*, prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., 1ª reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Clássicos; 4)
- Candini, N. G. (2015). *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão; tradução da introdução Gênese Andrade. - 4. Ed 7. Reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo
- Carneiro, S. (1995). Gênero, raça e ascensão social. In: *Revista Estudos Feministas*. v.3 n.2, Rio de Janeiro: UFRJ
- Cavalcanti, M. L. e Gonçalves, J. R. S. (2009). *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contra Capa
- Certeau, M. (1994) *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes
- Fabian, J. (2013). *O Tempo e o Outro: Como a Antropologia Estabelece Seu Objeto*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes
- Favret-Saada, J. (2005). Ser afetado. Tradução: Paula de Siqueira Lopes. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161.
- Ferreira, F. (2004). *O Livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro,
- Frade, C. (1979). *Foldore brasileiro*. 2.ed. São Paulo: Global (Coleção Para entender, III).
- Gago, V. (2020). A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo. São Paulo: Editora Elefante
- Haddock-Lobo, R. (2020). A gira macumbística da filosofia. *Revista CULI*, São Paulo, ano 23, edição 254, p. 21-25.
- Haesbaert, R. (2008). Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: Heidrich, A. L. [et al.]. *A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço*. Canoas-Porto Alegre: Ed. ULBRA-Ed. da UFRGS, p. 19-36. (Conferência que Haesbaert fez em 2004 no I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB-Porto Alegre).
- Harvey, D. (2012). O direito à cidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.73-89, jul. /dez
- Hooks, B. (2019). *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva,
- Jacques, P. Berenstein; Britto, F. Dultra. (2008). *Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade*
- Laraia, R. de B. *Patrimônio Imaterial: conceitos e implicações*. In: Teixeira, João Gabriel L.C.; Garcia, Marcus Vinicius C.; Gusmão, Rita. *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. 1.ed. Brasília: UnB, 2004.
- Maffesoli, M. (1998). *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 101-168.
- Martins, L. (2002). Performances do tempo espiralar. IN: Ravetti, G. e Arbéx, M.(org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit

- Pereira, A. Valadão Vieira G. (2008). *Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro*. 2008. 183 fls. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes – UERJ, Rio de Janeiro
- Pollak, M. (1992). *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5.n. 10, p. 200-212.
- Ruffino, L. (2016). *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Seminário dos Alunos do PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro
- Ruffino, L. (2019). *Pedagogia das Encruzilhadas*. 1^o. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 164p.
- Santos, M. (2011). *O Dinheiro e o Território*. In: Santos, M., Becker, B. (org.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, 3.^a ed.
- Schechner, R. (2003). *O que é performance*. *O Percevejo: Revista de teatro, crítica e estética*. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT; ET, Ano II, n.12, pág. 25-50.
- Science, Ch. (1994). *Da Lama ao Caos*. Acesso em: 18 novembro 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nacaozumbi/77655/>
- Scott, J. W. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. / dez, pp. 71-99.
- Silva, T.I. da. (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* /T. I. da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. - Petrópolis, RJ: Vozes
- Simas, L. A.; Rufino Junior, L. R. (2018). *Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 124p.
- Simas, L.A. (2020). *O Corpo encantado das ruas*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 176p.
- Turner, V. W. (1974). *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes
- Williams, R. (2011). *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, pp.43-68.

Sabrina Dias Veloso é Bacharel em Produção Cultural pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, mestranda em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense, com 10 anos de experiência nas áreas de Curadoria, Museus, Centros Culturais, Gestão Cultural e conhecimento em pesquisas sobre Cultura Popular, Cultura afro-brasileira e Carnaval. Tendo passado pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde ajudou no gerenciamento de diversos projetos culturais, espetáculos musicais e teatrais, bem como eventos cinematográficos. Atualmente, é Coordenadora Técnica no Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial, Instituição do Iphan. Onde atua na concepção, produção, coordenação e gestão de projetos culturais.